

ORIENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA PARA LER E ESTUDAR A OBRA DE CERVANTES

Maria Augusta da Costa Vieira (DLM)

*hacerse poeta, según dicen, es
enfermedad incurable y pegadiza [...]
DQ, I, 6*

Como afirma uma das personagens no início do *Quixote*, “tornar-se poeta, segundo dizem, é doença incurável e contagiosa”. Certamente, Miguel de Cervantes foi um poeta desse tipo. Dedicou sua vida aos textos, ao trabalho com a linguagem, visitando variados gêneros de discurso, atento sempre às formas orais e escritas.

Ao que tudo indica, quis passar para a história como um autor de textos literários, sem dar margem para que seus leitores tirassem conclusões a respeito de sua obra a partir de eventuais fatos vinculados à sua biografia. Isto é, ao contrário do que ocorreu com alguns escritores do mesmo período, Cervantes praticamente não deixou vestígios que dessem margem a conclusões confiáveis sobre sua vida. Além de narrativas em prosa, poesias e obras de teatro não deixou escritos que evidenciassem suas opções poéticas como o fez, por exemplo, Lope de Vega, quando escreve *El arte nuevo de hacer comedias* (1609), que apresenta uma sistematização de princípios de composição e de representação cênica. Tampouco deixou registro de cartas ou polêmicas travadas com poetas contemporâneos como ocorreu com Luis de Góngora, que manteve substancial correspondência com alguns de seus detratores. Cervantes, ao contrário, não abriu espaço para esse tipo de especulação, apesar de alguns biógrafos estabelecerem cruzamentos, às vezes fantasiosos, entre vida e produção artística. O que o autor do *Quixote* nos deixou, no entanto, é decisivo: uma obra que narra histórias nunca antes imaginadas, repleta de indagações e controvérsias sobre o modo de ser do que hoje entendemos por literatura.

Uma das feições do artista que deixa marcas indeléveis em seus textos são os laços de extrema simpatia que estabelece com o seu leitor, convertendo sua escritura em momentos primorosos de reflexão e entretenimento. No prólogo às *Novelas Exemplares*, como quem trata de situar o lugar que ocupa a leitura em meio à variedade da vida cotidiana, diz: “[...] nem sempre se está nos templos; nem sempre se ocupam os oratórios; nem sempre se cuida dos negócios, por qualificados que sejam. Horas há de

recreação para que o afligido espírito descanse.”¹ Que esta orientação bibliográfica sirva como uma porta aberta para a leitura de sua obra e de sua fortuna crítica.

Obra

Até onde é possível constatar, apesar da vida atribulada e com sucessivos deslocamentos geográficos, Cervantes ia escrevendo suas obras de forma mais ou menos simultânea. Enquanto redigia o *Quixote*, provavelmente, também dedicou-se às *Novelas exemplares*, a *Los trabajos de Persiles y Sigismunda* e às obras dramáticas e poéticas como *Viaje del parnaso*. Reflexionava profundamente sobre a linguagem, os textos, de forma geral, e sobre seus próprios escritos, preocupando-se sempre com a adequação de determinados conteúdos a determinadas formas. Sendo assim, quando introduz nas histórias do cavaleiro algumas de suas narrativas breves, certamente, estaria experimentando como elas seriam recebidas por seus leitores, já que em língua espanhola, ele seria o primeiro autor a “novelar”, isto é, a compor esse tipo de narrativa.

Sua obra de estréia é **La Galatea**, publicada em 1585. Uma novela que se enquadra no gênero pastoril e, como *Los siete libros de la Diana*, de Jorge de Montemayor (1559?), que teve grande repercussão no mundo ibérico, imita a vida de pastores que narram suas fortunas e adversidades amorosas. Como fazia parte das convenções do gênero, a narração em prosa é intercalada por uma série de versos, no entanto, em meio a situações idílicas, Cervantes introduz conteúdos trágicos, conferindo um caráter inusitado ao gênero. A obra tem boa acolhida e, em cinco anos, publica-se uma segunda edição. Embora ele prometa uma segunda parte, na realidade, ela nunca aparecerá.

Apesar da boa repercussão conferida à *La Galatea*, o gênero que de fato fazia sucesso na época era o teatro. Em tempos em que surgem no cenário dramaturgos do estatuto de Lope de Rueda, Lope de Vega, Guillén de Castro, Mira de Amescua, Vélez de Guevara, entre outros, o gênero mais apreciado era a chamada “comédia” e o escritor que desejasse reconhecimento intelectual e artístico deveria também mostrar seu talento na composição de obras dramáticas. Cervantes escreve várias obras de teatro, entre elas,

¹ “[...] no siempre se está en los templos; no siempre se ocupan los oratorios; no siempre se asiste a los negocios, por calificados que sean. Horas hay de recreación donde el afligido espíritu descanse.” (Tradução nossa. Cervantes, “Prólogo al lector” em *Novelas ejemplares*. Ed. de Jorge García López. Barcelona, Editorial Crítica, 2001, p. 18.)

Los tratos de Argel e Numancia (ambas da década de 1580) embora não tenha tido nos palcos o sucesso equiparado ao de outros dramaturgos contemporâneos.

A obra que de fato terá grande êxito é o **Dom Quixote** que tem sua primeira parte publicada em janeiro de 1605, sendo que em março do mesmo ano já se iniciam os preparativos para uma segunda edição devido ao sucesso absoluto de vendas. Pelos cálculos apresentados por Roger Chartier, entre 1605 e 1615, foram publicados treze mil e quinhentos exemplares da primeira parte da obra, divididos em nove edições, sendo três em Madri, duas em Lisboa, uma em Valência, uma em Milão e duas em Bruxelas - cifra surpreendente para uma época em que o número de leitores ainda era bastante reduzido.²

Em 1613 aparecem as **Novelas exemplares**, uma coletânea de doze narrativas. Na Espanha, até a publicação das *Novelas exemplares*, este gênero era considerado um gênero menor e outros autores que haviam se dedicado a ele, como dom Juan Manuel e Joan de Timoneda, colecionavam em suas obras textos que, na maioria das vezes, eram traduções ou imitações de obras escritas em outros lugares. Quando Cervantes publica as *Novelas exemplares* parece ter consciência da importância de seu trabalho no sentido de ter reunido uma coleção de novelas breves que, ao contrário do que normalmente ocorria, estas não eram resultado de traduções, como diz no prólogo:

[...] eu sou o primeiro que novelou em língua castellana, as muitas novelas que nela andam impressas todas são traduzidas de línguas estrangeiras, e estas são minhas próprias, nem imitadas nem furtadas: meu engenho as engendrou, e as pariu minha pluma.³

Certamente, ao encarar o gênero, Cervantes enriquece as histórias com personagens e peripécias, estabelece um diálogo com variadas formas de discurso oral e escrita, encara a vida cotidiana como objeto digno de representação literária, humaniza os relatos a partir de critérios verossímeis, aprimora os diálogos e, sobretudo, concede voz e protagonismo às personagens provenientes dos mais diferentes estamentos sociais.

Nos três últimos anos de vida, várias obras serão editadas embora não se saiba ao certo quando foram escritas nem em quais condições: em 1614 publica **Viagem do**

² “La Europa castellana durante el tiempo del *Quijote*” em *España en tiempos del Quijote*. Madrid, Santillana, 2005.

³ [...]“yo soy el primero que he novelado en lengua castellana, que las muchas novelas que en ella andan impressas, todas son traducidas de lenguas extranjeras, y éstas son mías propias, no imitadas ni hurtadas; mi ingenio las engendró, y las parió mi pluma, y van creciendo en brazos de la estampa.” (*Novelas ejemplares*, op. cit., p. 19.)

parnasos; em 1615, **Oito comédias e oito entremeses novos, nunca representados**, além da segunda parte do *Quixote*; em 1616, no dia 20 de abril, dois dias antes de sua morte, redige o prólogo de *Os trabalhos de Persiles y Sigismunda* que será publicado somente em 1617, graças às providências de Catalina de Palacios, sua esposa.

Ao anunciar no prólogo das *Novelas exemplares* que em breve seria publicada a segunda parte do *Quixote*, Cervantes revela que esta obra teria continuidade, algo que teria ficado um tanto ambíguo no final da primeira parte. Não tardará muito para que apareça uma “falsa” continuação, em 1614, cujo autor é Alonso Fernández de Avellaneda, o que na verdade é um pseudônimo. Até hoje, apesar de muitas suposições, não se sabe com certeza quem estaria por trás desse nome. A publicação deste *Quixote* designado como “apócrifo”, ao que parece, moveu intensamente os afetos cervantinos e mereceu respostas acirradas tanto do “autor”, como as que se encontram no prólogo da segunda parte, quanto do próprio personagem - dom Quixote - que fica indignado ao tomar conhecimento, no capítulo 59, que andava circulando uma “falsa segunda parte” relativa às suas andanças. É genial o que faz Cervantes com essa imbricação entre verdade histórica – a publicação de fato de uma segunda parte apócrifa – e verdade poética – a própria personagem criticando literariamente, no âmbito da própria narrativa, a segunda parte de autoria desse desconhecido Avellaneda.

Sua última obra – **Os trabalhos de Persiles e Sigismunda** – de publicação póstuma, também teve bom êxito editorial. Publicada em 1617, contará, no mesmo ano, com edições em diversos lugares: Barcelona, Valência, Pamplona, Lisboa, Madri, Paris e, em seguida, será traduzida e publicada em outros idiomas. A obra trata de uma longa peregrinação realizada por Persiles e Sigismunda narrada em estilo romanesco, repleta de aventuras, personagens, histórias intercaladas, relatos de vida, terras e mares fantásticos, além das múltiplas reflexões do narrador sobre a arte da composição narrativa.

Pelo que se constata, Cervantes aproveita seu tempo para escrever até os últimos momentos de sua vida. No dia 18 de abril de 1616 recebe os sacramentos e, no 19, redige a dedicatória da obra dirigida ao Conde de Lemos, com a certeza de que lhe resta muito pouco tempo. No dia 20 redige o prólogo a *Persiles e Sigismunda*, que conclui dirigindo-se ao leitor:

Minha vida vai se acabando e sem se deter nas efemérides de meus pulsos, que, no mais tardar, acabará sua carreira neste domingo, acabarei eu a de minha vida. [...] Adeus,

graça; adeus donaires; adeus regozijados amigos; que eu vou morrendo, e desejando vê-los em breve contentes na outra vida!⁴

Morre no dia 22 de abril e é enterrado no 23, mesmo dia em que na Inglaterra morria William Shakespeare, embora na época ainda não havia sido adotado na Inglaterra o calendário gregoriano, o que representaria uma diferença de dez dias entre as mortes dos dois autores de obras imortais.

Estudos críticos

Antes de deter-me em uma orientação a respeito dos estudos críticos sobre a obra de Cervantes, seria importante mencionar que o leitor deve prestar atenção especial na leitura dos prólogos, sobretudo no prólogo da primeira parte do *Quixote* que oferece pistas valiosas acerca de princípios de composição poética. É preciso acrescentar também que muitas vezes, ao redigir seus prólogos, Cervantes opta por formas um tanto inusitadas que, em alguns casos, poderiam caracterizar a composição de um antiprólogo ou um “metaprólogo” como é o caso do prólogo do *Quixote* de 1605, que dialoga constantemente com o próprio gênero, reproduzindo, em alguma medida, a estrutura da própria obra. Por meio desse artifício, Cervantes acaba apresentando, de modo irreverente, princípios poéticos substanciais como as diferentes categorias de leitor e a multiplicidade de leituras, além de considerar a obra como uma obra de entretenimento e uma invectiva contra os livros de cavalaria. Se por acaso o leitor esperou encontrar no prólogo uma apresentação da obra de caráter mais referencial, vai encontrar somente nessas primeiras páginas procedimentos engenhosos que inventam histórias e enredam vida e obra em discursos que sugerem que, nem sempre, a arte imita a vida, mas que também, em alguma medida, a vida pode imitar a arte.

Com relação especificamente aos estudos críticos realizados sobre a obra de Cervantes, no âmbito brasileiro, é possível dizer que eles se encontram em pleno processo de formação.⁵ Observa-se que, pouco a pouco, a partir das três últimas décadas do século XX, os estudos literários nessa linha foram se consolidando por meio de bases

⁴ Mi vida se va acabando y al paso de las efemérides de mis pulsos, que, a más tardar, acabará su carrera este domingo, acabaré yo la de mi vida [...]!Adiós, gracias; adiós, donaires; adiós, regocijados amigos; que yo me voy muriendo, y deseando veros presto contentos en la otra vida! (*Los trabajos de Persiles y Sigismunda*. Ed. de Juan Bautista Avalle-Arce. Madrid, Castalia, 1992, p. 48-49.)

⁵ Sobre a recepção do *Quixote* no Brasil, remeto a um artigo de minha autoria intitulado “A recepção crítica do *Quixote* no Brasil”, publicado em *Dom Quixote: a letra e os caminhos* (São Paulo, Edusp, 2006, pp. 341-351)

teóricas mais consistentes. Um bom exemplo dessa prática pode-se encontrar nos breves textos que Augusto Meyer (1902-1970) dedica a Cervantes e sua obra. Preocupado com referenciais da teoria literária e da literatura comparada na abordagem dos textos, o crítico chama a atenção para a leitura que se fez do *Quixote* ao longo dos tempos, caracterizada, muitas vezes, por interpretações que desbordavam os conteúdos da própria obra e acentuavam traços de caráter emotivo e sentimental.⁶ Em certa medida, por essa e outras observações, Meyer aproxima-se de determinada linha de pensamento dos estudos cervantinos, observada entre a década de 1950 e 1960, em que se busca um verdadeiro redirecionamento na leitura da obra como modo de encontrar alternativas para a superação da interpretação de viés romântico, tão trilhada a partir do século XIX.⁷

Embora a obra de Cervantes tenha suscitado reflexões e estudos analíticos em todos os tempos e em todos os lugares, observa-se que a partir da segunda metade do século XX e, mais especificamente, a partir dos anos 70, ampliaram-se consideravelmente os estudos cervantinos a ponto de se consolidar na década de 80 a “Asociación de Cervantistas”, contando com a participação de estudiosos dos mais variados países. Como dizia um de seus fundadores, José María Casasayas, não havia nenhuma razão para incluir o adjetivo “internacional” no nome da associação uma vez que no caso de Cervantes isso não passaria de uma redundância. A Associação foi e é importante na medida em que realiza regularmente seus congressos e colóquios e as conseqüentes publicações de seus anais. Além da “Asociación de Cervantistas”, foi

⁶ Os artigos encontram-se em *Textos críticos – Augusto Meyer*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986. (Embora a coletânea seja primorosa na organização e no estudo crítico introdutório, falta a datação dos artigos.)

⁷ Ver de Peter Russell, “*Don Quixote* as a Funny Book” (*MRLXLIV*, 1969, pp. 312-326) ou a versão espanhola, “*Don Quijote* o la risa a carcajadas” (*Temas de La Celestina y otros estudios*. Trad. A Pérez, Barcelona, Ariel, 1978.); de E. Auerbach, “A Dulcinéia encantada” (*Mimesis*. Trad. G. B. Sperber. São Paulo, Perspectiva, 1971.); de Oscar Mandel, “The Function of the Norm in *Don Quixote*” (*Cervantes: A Collection of Critical Essays*. Ed. By Lowry Nelson. New Jersey, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, 1969, pp.73-81); de A. Close, *The Romantic Approach to Don Quixote: A Critical History of the Romantic Tradition in “Quixote” Criticism*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978; de José Montero Reguera, *El Quijote y la crítica contemporánea*. Alcalá, Centro de Estudios Cervantinos, 1977, e também, “La crítica sobre el *Quijote* en la primera mitad del siglo XX”, em *Volver a Cervantes. Actas del IV Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. Ed. Antonio Bernat Vistarini. Palma, Universitat de les Illes Balears, 2001, Vol. I, pp. 195-236; de José Manuel Martín Morán, “Palacio quijotista. Actitudes sensoriales en la crítica sobre el *Quijote* de la segunda mitad del siglo XX”, em *Volver a Cervantes*. Ed. A. Bernat Vistarini. Vol. I, pp. 141-194. Ver também de minha autoria, *O Dito pelo não Dito: paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1ª ed. 1998, 1ª reimpressão, 2015. Caso o leitor tenha interesse em ler estudos de especialistas estrangeiros, em língua portuguesa, sobre o *Quixote*, ver *Don Quixote: a letra e os caminhos*. Org. M. Augusta C. Vieira. São Paulo, Edusp, 2006. Também, de minha autoria, *Estudos cervantinos e recepção do Quixote no Brasil*, publicado pela Edusp/FAPESP, 2013.

criada nos Estados Unidos a “Cervante’s Society of América”, que mantém uma publicação periódica importante intitulada **Cervantes**, disponibilizando em seu site todos os números da publicação (<http://www.h-net.org/~cervantes/bcsalist.htm>). Também destaco como fonte importante de pesquisa os anais dos congressos da “Asociación Internacional de Hispanistas” que sempre contam com um número significativo de trabalhos voltados para a obra de Cervantes e que podem ser consultadas em seu site (<http://asociacioninternacionaldehispanistas.org/>). Acrescento, ainda, uma antologia organizada por José Montero Reguera intitulada *Antología de la crítica sobre el Quijote en el siglo XX*, disponível na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: http://cvc.cervantes.es/literatura/quijote_antologia/default.htm

A produção bibliográfica relativa aos estudos cervantinos é substancial e também muito volumosa. Seria obrigatoriamente incompleta a indicação de uma bibliografia, por mais ou menos detalhada que pudesse ser. No entanto, se fosse necessário limitar-me à indicação de apenas três autores e seus respectivos estudos, destacaria os trabalhos de E. C. Riley, todos eles, sem exceção, e em particular, o **Teoría de la novela en Cervantes** (Trad. de C. Sahagún. Madri: Taurus Ed., 1971); os de Agustín Redondo e, em especial, **Otra manera de leer el QUIJOTE - Historia, Tradiciones culturales y Literatura** (Madrid: Castalia, 1997) e os de Anthony Close, essencialmente, **The Romantic Approach to Don Quixote: A Critical History of the Romantic Tradition in Quixote Criticism** (Cambridge, Cambridge University Press, 1978 - há tradução para o espanhol.) e **Cervantes y la mentalidad cómica de su tiempo** (Trad. de Letícia Iglesias Pedronzo e Carlos Conde Solares. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2006.). Caso haja interesse no aprofundamento de detalhes relativos à obra de Cervantes, sugiro a consulta à **Gran Enciclopedia Cervantina**, dirigida por Carlos Alvar e editada pela Editora Castalia, onde é possível encontrar estudos críticos e ampla informação histórica e bibliográfica. Até o momento a enciclopédia conta com oito tomos publicados, sendo que o projeto prevê um total de dez volumes de, aproximadamente, mil páginas cada um.

* * *

No capítulo 3 da segunda parte da obra, dom Quixote tem uma conversa interessantíssima com bacharel Sansão Carrasco, um estudante de Salamanca que leu a primeira parte da obra já publicada. Dom Quixote mostra-se muito preocupado com a qualidade literária de sua história e, em especial, com a capacidade discursiva do suposto autor. Seu receio é o de que o tal Cide Hamete Benengeli, o árabe, que segundo

Sansão Carrasco, é o autor, seja um escritor desqualificado, ao estilo de um pintor que havia em Úbeda, que saia pintando, sem eira nem beira, e quando lhe indagavam sobre o que ia começar a pintar, dizia, “o que sair”. Como conta dom Quixote, certa vez o tal pintor pintou um galo que acabou resultando numa imagem impossível de ser decifrada. Diante disso foi obrigado a escrever na parte de baixo da pintura, com letras garrafais: “isto é um galo”. O temor de dom Quixote é o de que ocorra o mesmo com o autor de sua história, fazendo com que a obra necessite de comentários para ser entendida. A essas alturas, Sansão Carrasco, que lhe ouve atentamente, tranqüiliza-o dizendo que sua história não corre esse risco e que “tão clara é ela que nada tem de dificultoso. Manuseiam-na as crianças, lêem-na os moços, entendem-na os homens e os velhos a celebram” (*DQ*, II, 3 p. 938).⁸ Caro leitor, é chegada a sua hora e a sua vez.

⁸ “es tan clara, que no hay cosa que dificultar en ella: los niños la manosean, los mozos la leen, los hombres la entienden y los viejos la celebran;” (*DQ*, II, 3, pp. 653-653)